

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

JULIANA MARQUEZI DA SILVA

**“ENTRE O FÍSICO E O MÍSTICO”: REPORTAGEM *LONGFORM* SOBRE
TERAPIAS COMPLEMENTARES NA ASSISTÊNCIA AO TRATAMENTO DE
SAÚDE**

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2024

JULIANA MARQUEZI DA SILVA

**“ENTRE O FÍSICO E O MÍSTICO”: REPORTAGEM *LONGFORM* SOBRE
TERAPIAS COMPLEMENTARES NA ASSISTÊNCIA AO TRATAMENTO DE
SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Me. Matias Sebastião
Peruyera

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Juliana Marquezi da Silva, portador do Registro Uninter 3961458 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título "Entre o físico e o místico": reportagem longform sobre terapias complementares na assistência ao tratamento de saúde e orientação do/a professor/a Dr. Guilherme Carvalho, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Alexsandro Teixeira Ribeiro

Examinador/a 2: Dra. Larissa Drabeski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,5

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovada

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  Documento assinado digitalmente
GUILHERME GONCALVES DE CARVALHO
Data: 10/05/2024 16:57:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 1:  Documento assinado digitalmente
ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
Data: 10/05/2024 17:56:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 2:  Documento assinado digitalmente
LARISSA ADRYELLEN DRABESKI
Data: 10/05/2024 18:24:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Estudante:  Documento assinado digitalmente
JULIANA MARQUEZI DA SILVA
Data: 27/05/2024 21:14:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reportagem *longform* a respeito do uso de terapias holísticas e complementares como uma forma de auxiliar e complementar de forma integrativa o tratamento de pacientes que sofrem com problemas de saúde de diversas naturezas por meio de relatos aprofundados e entrevistas com especialistas. As medicinas complementares e integrativas – denominação utilizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – se referem a um amplo conjunto de práticas baseadas em teorias e experiências que visam a promoção da saúde, levando em consideração todas as suas dimensões. Além disso, a reportagem também busca demonstrar as razões do crescimento e da busca por métodos alternativos de tratamento e quais as polêmicas que acompanham o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Longform; Terapia Holística; Saúde mental.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 OBJETIVOS	Erro! Indicador não definido.
2 JORNALISMO DIGITAL E REPORTAGEM <i>LONGFORM</i>	10
2.1 O JORNALISMO DIGITAL.....	10
3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Desde 2006, o Sistema Único de Saúde (SUS) incluiu na Secretaria de Atenção Primária à Saúde as chamadas Práticas Integrativas Complementares (Pics), recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e recuperação da saúde com ênfase na escuta acolhedora, o desenvolvimento de vínculo terapêutico e a integração do ser humano no meio em que vive¹ (GOV.BR...,2024).

Essas práticas também são denominadas de Medicina Alternativa Complementar — MAC — e também fazem parte de um conjunto integrado chamado Medicinas Tradicionais, Integrativas e Complementares (MCTI)² (GOV.BR...,2024), que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é um sistema complexo e que ocorre de muitas formas integrado aos sistemas de saúde, seja por iniciativas governamentais, atuação de diferentes entidades que trabalham na organização desses recursos, áreas de formação e pesquisas.

No Brasil, esse sistema é considerado referência no que diz respeito a integração das MCTI no sistema de saúde, sobretudo na atenção primária.

A Secretaria de Atenção Primária ou Atenção Básica à saúde se trata do primeiro nível de atenção em saúde, isto é, o primeiro atendimento que o paciente recebe ao chegar em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), e se define por um conjunto de ações que envolvem diagnóstico, tratamento, redução de danos e reabilitação da saúde com o objetivo de promover a atenção integral ao indivíduo.

De acordo com uma publicação realizada no site do Governo Federal³ (GOV.BR...,2024) em adição aos cadernos de Atenção Básica à Saúde, são 29 práticas disponibilizadas de forma gratuita e que podem ser incorporadas em todos

¹ Link da reportagem: <https://julianamarquezi.wixsite.com/fisico-mistico>

¹ Disponível em < <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pnpic> > Acesso em 10, out. 2023.

² Disponível em < <https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas#:~:text=As%20medicinas%20tradicionais%2C%20complementares%20e,preven%C3%A7%C3%A3o%20e%20recupera%C3%A7%C3%A3o%2C%20levando%20em> > Acesso em 21, fev. 2024.

³ Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos>> Acesso em 12, fev. 2024.

os níveis de atenção para proporcionar uma perspectiva direcionada para o cuidado continuado, humanizado e abrangente com a saúde.

As Pics têm sido utilizadas de maneira estratégica como recursos tratamentos de saúde em grandes hospitais, como no Núcleo de Cuidados Integrativos⁴ (HOSPITALSIRIOLIBANES...2024), dentro do hospital Sírio-Libanês, que visa contribuir com a humanização do tratamento oferecido aos pacientes. O hospital Israelita Albert Einstein também incluiu em sua ala de oncologia⁵ (EINSTEIN...,2024) práticas de medicina integrativa como Meditação, Yoga e técnicas para gestão de estresse.

Além de grandes hospitais e instituições médicas, as próprias Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Centros de Atenção Psicossocial (Caps) dos centros urbanos oferecem algumas dessas práticas de forma gratuita, como descrito na Política Nacional de Terapias Complementares⁶ (GOV.BR...,2024), que leva em conta a crescente legitimação dessas terapias por parte da sociedade, além de considerar a necessidade de que elas aconteçam com o devido registro.

Em 2023, a jornalista Chloé Pinheiro escreveu uma matéria para a Veja Saúde a respeito da primeira Cúpula Global de Medicina Tradicional⁷ (PINHEIRO, 2024), no qual o médico especialista na área de Atenção Primária à Saúde Ricardo Ghelman manifestou seu pensamento sobre a necessidade de um olhar mais humanizado sobre os sistemas de saúde de modo geral. O especialista afirma que o uso das práticas complementares deve, de fato, complementar a medicina tradicional, e que os conceitos não precisam necessariamente estar separados uns dos outros, que um médico pode receitar que uma pessoa tome antibiótico e ainda assim, use de alguma terapia complementar.

Em contraponto, Ricardo defende também que práticas integrativas sem comprovação científica devam ser contrariadas e questionadas, mas a pergunta que fica entre a comunidade médica é se existem evidências suficientes ou não, e

⁴ Disponível em: <<https://hospitalsiriolibanes.org.br/especialidades-medicas/sao-paulo/cuidados-integrativos/>> Acesso em 10, jan. 2024.

⁵ Disponível em <<https://www.einstein.br/especialidades/oncologia/conheca-oncologia-einstein/medicina-integrativa>> Acesso em 05, fev. 2024.

⁶ Disponível em <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>> Acesso em 05, fev. 2024.

⁷ Disponível em <<https://saude.abril.com.br/medicina/ha-uma-lacuna-entre-a-pesquisa-e-a-aplicacao-das-terapias-alternativas>> Acesso em 16, fev. 2024.

que o foco das pesquisas para responder estas perguntas devem ser para responder a respeito de como integrar os modelos de medicina integrativa e tradicional.

Desde que as Terapias Complementares foram adicionadas ao SUS, membros da comunidade científica apresentam críticas com relação à validação destas práticas. Pesquisadores e estudiosos da área dividem sua opinião com o público sobre os riscos de para a saúde de quem opta por seguir um tratamento não convencional.

Syed (2020) diz que o uso de plantas medicinais, acupuntura, atividade física e meditação só podem ser eficazes desde que sejam administrados por profissionais capacitados, isto é, médicos, educadores físicos ou especialistas na área. Em seu artigo denominado “Por que criticar medicinas alternativas?” (SYED, 2020) O autor chama a atenção para o fato de que muitas das práticas oferecidas pelo SUS são embasadas apenas pela fé, e que o sistema deveria basear suas escolhas de gastos em critérios científicos.

Assim como Syed, entidades médicas também já vieram a público manifestar sua opinião com relação a implementação de terapias complementares. Em 2018, a Associação Médica Brasileira (AMB) se manifestou em nota⁸ (O GLOBO...,2024) onde considerou ultrajante e desrespeitosa a inserção de dez novas terapias complementares na grade do SUS naquele ano, apontando que a verba investida em tais práticas seria melhor aproveitada se fosse redirecionada para outras áreas.

O Conselho Federal de Medicina (CFM) divulgou uma nota⁹ (PORTAL...,2024) no mesmo ano dizendo que as práticas complementares não eram reconhecidas como válidas por não possuírem comprovação científica e não serem fundamentadas em evidências.

A PHD em Física Teórica de Partículas Gabriela Bailas realiza um trabalho¹⁰ (YOUTUBE...,2024) que visa expor, de forma anônima ou não, relatos de pessoas que já passaram por experiências negativas com terapias holísticas.

⁸ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/saude/medicos-atacam-inclusao-de-terapias-alternativas-no-sus-ultrajante-22489264>> Acesso em 05, fev. 2024.

⁹ Disponível em <https://portal.cfm.org.br/images/PDF/praticas_integrativas.pdf> Acesso em 05, fev. 2024.

¹⁰ Disponível em <<https://www.youtube.com/@FisicaeAfins>> Acesso em 20, nov, 2023.

Bailas desenvolve vídeos em que discorre a respeito de como práticas e tratamentos alternativos podem ter efeitos até irreversíveis. Ela também expõe em seu canal diversas técnicas que podem estar associadas a práticas de charlatanismo no meio “holístico”, repudiando o fato de que a população tenha acesso indiscriminado a tais práticas por meio do SUS.

O tema passa por uma série de discussões desde que as Pícs passaram a integrar a grade do SUS. Apesar da resistência de cientistas, médicos e estudiosos, algumas práticas têm ganhado respaldo ao longo dos anos.

As práticas ainda não são um consenso para a comunidade científica também pela falta de um órgão que regulamente as práticas, como o CFM para os médicos e o Conselho Regional de Enfermagem (COREN) para os enfermeiros. A falta de um órgão superior que supervisione as práticas integrativas abre margem para determinadas atitudes e práticas que possam colocar em risco a integridade física de uma pessoa.

Para fazer um diagnóstico de mercado a respeito do tema, foram observadas reportagens que abordam o assunto, como “Entre o Mantra e o Remédio”¹¹ (INÁCIO...,2024), uma reportagem escrita por Livia Inácio para a coluna Viva Bem, do portal UOL em 2022, “Acupuntura, homeopatia, reiki e constelação familiar no SUS: como é o atendimento e porquê as terapias alternativas causam controvérsia”¹² (PAGNO...,2024), de Marina Pagno para o G1, de 2023, “Caminhos da Reportagem | Caminhos Alternativos no SUS”¹³ (YOUTUBE...,2024), da TV Brasil, que foi ao ar em 2023.

Além dessas reportagens, como parte da pesquisa bibliográfica, foram usados como fonte de pesquisa o artigo científico da revista *Brazilian Journal of Development* denominado “Cuidados Paliativos: Uma abordagem holística no tratamento de pacientes em fase terminal”¹⁴ (COELHO...,2024), de 2023. Os artigos científicos “Práticas integrativas complementares como recurso de saúde

¹¹ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/entre-o-mantra-e-o-remedio/#cover>> Acesso em 10, jan. 2024.

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/22/acupuntura-homeopatia-reiki-constelacao-familiar-no-sus-como-e-o-atendimento-e-por-que-as-terapias-alternativas-causam-controversia.ghtml>> Acesso em 05, fev. 2024.

¹³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1GXHwZdQSyc>> Acesso em 05, fev. 2024.

¹⁴ Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/62994/45310>> Acesso em 10, jan. 2024.

mental na Atenção Básica¹⁵ (CARVALHO...,2024)”, publicado na Revista Gaúcha de enfermagem em 2017 e “O significado da psicologia e da terapia holística para terapeutas holísticos graduados em psicologia”¹⁶ (MARTYNETZ...,2024), também de 2017, publicado na Revista de Abordagem Gestáltica.

Este TCC tem como objetivo produzir uma reportagem *longform* a respeito do tema “Entre o Físico e o Místico: O papel da integração de terapias complementares na assistência ao tratamento de saúde”.

O principal objetivo do trabalho é elucidar sobre o conceito e a aplicabilidade das terapias integrativas e complementares, enquanto investiga as críticas frequentes por parte da comunidade médica tradicional. Também busca mapear como essas terapias se posicionam nos sistemas de saúde e quais estão acessíveis à população.

A reportagem visa abordar detalhadamente as terapias integrativas e complementares, esclarecendo sua natureza e propósitos. Este esclarecimento é crucial para compreender não apenas os fundamentos dessas práticas, mas também suas metodologias.

Além disso, a reportagem se aprofunda nas críticas frequentemente dirigidas a essas terapias. Uma parte significativa do trabalho envolve investigar e apresentar os debates em torno da eficácia dessas práticas e dos desafios enfrentados em sua regulamentação. Este exame crítico inclui análises de estudos, opiniões de especialistas, além de revisões das políticas atuais que governam a prática das terapias integrativas e complementares. Essa abordagem visa fornecer uma visão equilibrada, destacando tanto os testemunhos positivos quanto as preocupações expressas por profissionais da saúde e reguladores.

Por fim, o terceiro objetivo específico da reportagem é mapear como essas terapias estão sendo incorporadas aos sistemas de saúde existentes. Isso envolve uma exploração das políticas públicas e legislações que facilitam ou limitam a adoção dessas práticas nos cuidados de saúde. Ao entender onde e como essas terapias são acessíveis dentro dos hospitais, clínicas e outros ambientes de saúde,

¹⁵ Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/fqh5TRPrRY74rsvBhPGwGsH/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 05, fev. 2024.

¹⁶ Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100012> Acesso em 05, fev. 2024.

a reportagem busca fornecer uma compreensão abrangente do papel atual das terapias integrativas e complementares no tratamento e bem-estar dos pacientes.

Entrevistas com especialistas em terapias complementares, médicos tradicionais e usuários dessas práticas são cruciais para fornecer uma ampla gama de perspectivas sobre eficácia, acesso e experiência de uso. A análise de tendências e popularidade dessas terapias, por meio de estudos de mercado e pesquisas, ilustrará sua aceitação e crescimento.

Casos de sucesso e críticas são apresentados por meio de estudos de caso e testemunhos, destacando as diversas experiências e opiniões. Discussões sobre a incorporação dessas terapias no cotidiano das pessoas também são abordadas, cobrindo tanto práticas autônomas quanto aquelas que necessitam de acompanhamento profissional.

A inclusão de conteúdo multimídia, como infográficos, vídeos de entrevistas e ilustrações explicativas, é essencial para enriquecer a experiência do leitor. Uma revisão cuidadosa e edições baseadas em feedbacks garantem que a reportagem seja informativa, relevante, clara e bem estruturada.

A reportagem se beneficiou significativamente da combinação de jornalismo digital, *longform* e *slow journalism*. O jornalismo digital facilitou o acesso a uma ampla variedade de informações e fontes, além de elucidar sobre temáticas pertinentes como plataforma de conteúdo e produção de conteúdo em massa, enquanto o *longform* proporcionou uma narrativa detalhada e multimídia, aprofundando o entendimento do tema. O *slow journalism* assegurou a precisão e a profundidade da investigação, priorizando a qualidade sobre a velocidade na apuração. Essa integração enriqueceu a reportagem, tornando-a uma leitura informativa e imersiva que destaca a complexidade do tema.

2 JORNALISMO DIGITAL E REPORTAGEM *LONGFORM*

Nesse capítulo, o objetivo é compreender quais os principais desafios do jornalismo digital no atual momento da web. Para isso, são abordados fenômenos como o processo de modificação da comunicação, a plataformização e a inserção do movimento *slow journalism* como um recurso para combater a falta de informação. Na seção 2.2, uma abordagem a respeito do jornalismo *longform*, suas especificidades e a forma com a qual este método de notícia se mostra como uma forma interativa e funcional de fazer jornalismo na web.

2.1 O JORNALISMO DIGITAL

O jornalismo digital ou webjornalismo surgiu com o advento da internet na década de 90, e até hoje passa por diversas modificações que apresentam novos meios de produzir uma notícia. De acordo com Canavilhas (2013), o avanço tecnológico sempre foi crucial para o aprimoramento da atuação jornalística, assim como colabora para ultrapassar barreiras geográficas e temporais para que o conteúdo chegue ao seu consumidor final.

O processo evolutivo das práticas comunicacionais é definido por uma série de fatores. Para Castells (2017), este processo é definido pela tecnologia da comunicação, pelas características dos envolvidos no compartilhamento de informações e pela abrangência do processo comunicativo.

O autor destaca que este processo tem se manifestado de maneira ativa nas redes sociais. “As comunidades online tiveram origens muito semelhantes às dos movimentos contra culturais e dos modos de vida alternativos que despontaram na esteira da década de 60.” (CASTELLS, 2003, p.47)

A web vem modificando a forma de se comunicar, assim como o modo de se produzir e consumir notícias. No atual ambiente digital, as possibilidades de interação são facilitadas e os processos de produção e distribuição midiática se tornam mais vulneráveis à interferência do público. Esse movimento faz parte do que alguns autores chamam de plataformização do jornalismo (VAN DICK; POELL; WAAL, 2018). A plataformização se trata de um fenômeno de caráter global, que cria novas dependências de mercado e conteúdo na relação entre mídias jornalísticas e plataformas de redes sociais (NIELSEN, GANTER, 2018, *apud*.

MATTOS, 2021). Ao metaforizar as plataformas, Van Djick (2020); ilustra o processo como uma árvore, onde nas raízes estão a infraestrutura (data centers, cabos submarinos, aparelhos, etc.) no tronco, as plataformas em si, que seriam as redes sociais e espaços de interação em geral; e; por fim, nas folhas, estão os aplicativos e desenvolvedores externos.

Para Mattos (2021), as plataformas digitais representam novos desafios para a comunidade jornalística e as coloca como complementadoras da produção de conteúdo, igualando os profissionais de comunicação a outros tipos de usuários e enfraquecendo a autoridade jornalística.

Considerando o papel das redes sociais no consumo de notícias, como enfatizado por Newman (2023) no relatório feito para o Instituto Reuters, uma reportagem chamativa precisa ser concebida com a presença digital em mente, através de vídeos curtos e um conteúdo facilmente compartilhável, como por exemplo, vídeos curtos, fotos e conteúdo interativo que proporcione ao leitor uma experiência mais imersiva ao ler uma reportagem.

A personalização algorítmica, a desinformação e a volatilidade da atenção dos usuários exigem estratégias na produção e distribuição de conteúdo. Isso inclui a otimização de histórias para diferentes plataformas.

Gillespie (2018) aponta o aprimoramento dos algoritmos como um processo de seis etapas: ciclos de inclusão, padrões de antecipação, que “adivinham” as preferências do usuário, avaliação de relevância, a objetividade algorítmica, que demonstra imparcialidade nos cálculos do algoritmo, entrelaçamento com a prática na qual os usuários se moldam e por fim, a produção de públicos calculados.

Os algoritmos estão sendo vistos como uma lógica de conhecimento confiável; como eles desmoronam e se reparam ao entrar em contato com o vai e vem do discurso público; e onde os pressupostos políticos podem estar gravados não só em seu design, mas também serem construtivos na sua utilização e sua legitimidade generalizada. (GILLESPIE, 2018, p.116)

Reportagens com longos trabalhos de apuração também representam uma estratégia importante para o jornalismo digital. Com a rapidez da fabricação de notícias, a disseminação das chamadas *fake news* também se tornaram cada vez mais presente no ambiente digital. Viana (2023) aponta que as postagens virais têm se tornado um critério de noticiabilidade, fazendo com que a audiência se

comunique diretamente com o fato, que por muitas vezes é noticiado de forma massiva pelas páginas das redes sociais e compartilhado da mesma forma pelos usuários das plataformas digitais.

Um exemplo de como as redes sociais e a falta de apuração e checagem das informações foi o caso das eleições presidenciais, durante as quais os aplicativos Kwai e Tiktok foram grandes impulsionadores da propagação de notícias falsas (SCOFIELD; FONSECA, 2022), justamente pela facilidade de uso e compartilhamento rápido.

Para combater ativamente a desinformação, além do trabalho de apuração jornalística, existem no mercado atual ferramentas desenvolvidas por pesquisadores e jornalistas que servem para realizar a checagem de fatos, como o LupaMundi¹⁷ (LUPA...,2023), uma ferramenta da Agência Lupa, do portal UOL, que envolve a criação de um mapa interativo que reúne as legislações de todos os países do mundo, principalmente acerca de leis que envolvem a regulamentação midiática. A ferramenta permite que o usuário personalize sua busca, filtrando e comparando as leis entre países ou mesmo buscando por alguma lei específica.

O movimento *slow journalism* surgiu como uma resposta a essas demandas de produção de notícias online. O movimento que teve como percussora a escritora britânica Susan Greenberg dá prioridade para a investigação, checagem e precisão dos fatos. (PRAZERES, 2018 *apud*. OLIVEIRA, 2023, p. 30)

A nomenclatura surge como uma referência ao movimento *slow food*, que se refere à quando um restaurante da rede *Mc Donald's* seria construído em Roma em um local tradicional e recebeu total repúdio da população. (RAUCH, 2016, DORK & HERMANS, 2016, *apud*. CRUZ, 2023). Esta iniciativa teria sido comandada por um jornalista, que se preocupou com a homogeneização cultural trazida pelas redes de fast food tradicionalmente americanas (CRUZ, 2023, p. 12).

O *slow journalism* é um jornalismo que se volta para a colaboração e inteligência coletiva, indo além do furo de reportagem, e que critica a comunicação e a velocidade, pois não se ajusta conforme a velocidade proposta pelas plataformas, e sim a velocidade das pessoas (OLIVEIRA, 2023, p. 31).

¹⁷ Disponível em <<https://lupa.uol.com.br/lupa-mapa-leis-desinformacao/>> Acesso em 20, nov, 2023.

O jornalismo lento evita o sensacionalismo e é ético na maneira como trata as personagens da sua narrativa. Procura sempre ser transparente na relação com as suas fontes, por forma a que estas sejam facilmente verificáveis e rastreáveis. É acompanhado por uma grande noção de comunidade, fazendo com que histórias locais seja muitas vezes o foco desse tipo de jornalismo. (OLIVEIRA, 2023, p. 38).

Um jornalista que se dedica ao *slow journalism* está comprometido com o fato de que haja uma imersão na realidade através do texto e a partir das informações. (ASSUNÇÃO & PINTO, 2018 *apud*. OLIVEIRA, 2023)

O movimento de *slow journalism* surgiu como uma alternativa para essa velocidade e uma forma de garantir a qualidade. O jornalismo lento seria uma possível solução para que essa fadiga informacional fosse sanada. É uma forma de produzir um conteúdo jornalístico assente mais na investigação, na inclusão de novos conteúdos, na cooperação de diversos profissionais e na construção pensada de uma matéria. (OLIVEIRA, 2023, p. 32).

A comunicação no jornalismo lento tem como prioridade elementos qualitativos em relação a quantidade de informações disponíveis hoje, sobretudo nas redes sociais, além de possuir um enorme caráter investigativo, pois exige que o jornalista se conecte com sua fonte e saia da redação. (OLIVEIRA, 2023, p. 39)

O *slow journalism* e o formato *longform* são semelhantes por sintetizarem de formas diferentes a mesma proposta, que consiste em apresentar um conteúdo jornalístico da melhor maneira possível, onde o foco principal é, de fato, contar uma história. (OLIVEIRA, 2023, p. 37).

2.2 A REPORTAGEM LONGFORM

Uma narrativa *longform* pode ser definida como:

1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 112).

Longhi e Winques (2015) apontam que o episódio que apresentou a narrativa *longform*, ou jornalismo de formato longo, para o meio digital foi a

publicação da reportagem *Snow Fall*¹⁸ (BRANCH...,2024), desenvolvida pelo *The New York Times* no ano de 2012.

Snow Fall retratou uma avalanche ocorrida em Washington naquele mesmo ano. Foram utilizados diversos recursos dentro de uma matéria dividida em seis capítulos, como vídeos, áudio, perfis, imagens, etc. Com seis dias de publicação, a matéria alcançou mais de três milhões de visualizações. A partir dessa reportagem, outras grandes reportagens foram realizadas e alcançaram resultados semelhantes, como *The long strange trip of Dock Ellis*¹⁹ (HURBY...,2024), da ESPN, publicada também em 2012 e *NSA Files Decoded*²⁰ (MACASKILL...,2024), do *The Guardian*, publicada em 2013. Para Longhi e Winques (2015), essas narrativas exploram o texto *longform*, além de possibilidades de navegação e leitura mais imersivas.

No vídeo “*The Future of Longform Publishing*”²¹ (YOUTUBE...,2023), de 2014, a jornalista Hannah Fairfield Wallander, que trabalhou na produção de *Snow Fall*, diz que os complementos como fotografias, vídeos e gráficos não são complementos de uma narrativa *longform*, mas sim elementos que dão continuidade à história, o que proporciona ao leitor uma experiência imersiva, pois se torna possível dar mais vivacidade ao fato que está sendo narrado. Wallander (2014) cita que em *Snow Fall*, o leitor está diante de uma história em que é possível se colocar no ambiente em que as personagens principais da reportagem se encontravam.

É quando de repente a história para, e nós levamos você de volta pela estrada até a estação de esqui, e depois carregamos você para uma montanha fora da estação de esqui e mostramos onde um grupo de esquiadores saiu da estação e ficou onde nós sabíamos que parecia o topo do mundo, e nós deixamos nossos leitores ficarem no topo do mundo. (WALLANDER, 2014, tradução livre)

No mesmo vídeo, Sarah Sampsel, jornalista do *The Washington Post*, também faz comentários acerca de como o formato *longform* proporciona uma

¹⁸ Disponível em <<https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>> Acesso em 28, out. 2023.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.espn.com/espn/eticket/story?page=Dock-Ellis&redirected=true>> Acesso em 28, out. 2023.

²⁰ Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded>> Acesso em 28, out. 2023.

²¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=d_hT3wprDSE> Acesso em 28, nov. 2023.

experiência diferenciada ao leitor. Para Sampsel (2014), se o leitor está acostumado a ficar em redes sociais durante o dia todo, recebendo informações de diferentes veículos, “[...] há algo terapêutico em tirar uma pausa e realmente mergulhar fundo em alguma coisa, sobre qualquer assunto. Temos muitas informações sobre coisas interessantes neste formato”.

Longhi e Winkes (2015, p. 113) definem que a narrativa *longform* se destaca “não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização e aprofundamento.” As autoras também pontuam seis espaços digitais de predominância desse tipo de narrativa: sites de jornais de referência; sites nativos digitais; sites agregadores de narrativas *longform*; projetos de *crowdfunding*; sites destinados a escritores e ao mercado de publicação de narrativas *longform*; e sites de conteúdos *longform* pagos.

Para Baccin (2015), a popularidade da narrativa *longform* se deu nos meios digitais por conta da praticidade trazida pelos dispositivos móveis.

O interesse das publicações jornalísticas que têm investido no modelo *longform* surgiu com o advento e proliferação dos dispositivos móveis. É mais fácil pegar o tablet e sentar no sofá para ler a notícia do dia ou uma reportagem em formato longo, do que ir para frente do computador e acessar o site do jornal ou da revista para ler essa mesma notícia. (BACCIN, 2015)

Baccin (2015) aponta que a estruturação de uma narrativa *longform* leva em consideração características específicas em dimensão, recursos técnicos e elementos de qualidade. Em “Dimensão”, as características são: “narrativa longa, período de produção estendido e exigência de tempo longo na leitura”. Em “Recursos Técnicos”, “o design responsivo, predominância de verticalização e utilização do efeito “cortinas”²² (BACCIN...,2023). Em “Elementos de qualidade”, “o aprofundamento do tema, a contextualização da memória, imersão, uso de base de dados, humanização da narrativa, hipertextualidade, multimídia e interatividade.”

Canavilhas (2014) aponta que as narrativas *longform* podem ser compreendidas como “reportagem paralaxe”, fazendo referência a tecnologia

²² Alciane Baccin (2015, p. 97) define o efeito cortina como “O efeito de quando o texto surge sobre a foto e ela vai sumindo, como a sensação de uma janela se abrindo. O mesmo pode acontecer com a fotografia em relação ao texto.”

parallax scrolling. “Navegação verticalizada e intuitiva, em conjunto com a plena integração de conteúdo multimídia, torna a leitura mais imersiva e envolvente, não requerendo ao utilizador conhecimentos de informática muito profundos.” (CANAVILHAS, 2014, p. 123, *apud*. BACCIN, 2015, p. 94)

Longhi e Winkes (2015, p. 118) afirmam que grandes reportagens multimídia (GRMS) têm sido marcadas, sobretudo pelo jornalismo *longform*. As autoras afirmam que “vários autores tem se debruçado sobre o gênero na internet, apontando sua reconfiguração e remodelação.”

Produtos multimidiáticos webjornalísticos envolvendo slideshows, especiais multimídia, infografia online, por exemplo, se renovam a partir do final da década de 2000, e consolidam esse tipo de formato expressivo enquanto gênero específico do webjornalismo, herdeiro da grande reportagem do impresso. (LONGHI E WINKES, 2015, p. 118)

A narrativa *longform* apresenta uma renovação das tradicionais GRMS. Longhi e Winkes (2015) afirmam que o texto *longform* encontra no webjornalismo e nas GRMS um terreno fértil para consolidar suas características. As autoras apontam que este é um mercado em expansão, que serve para modelos de negócios e estratégias profissionais, como demonstram sites e aplicativos online que são dedicados ao formato.

3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A reportagem “Entre o Físico e o Místico: o papel das terapias complementares na assistência ao tratamento de saúde” traz informações sobre o impacto das práticas integrativas complementares (Pics) em tratamentos de saúde. As entrevistas foram realizadas com uma gama diversificada de profissionais que vão desde terapeutas integrativos, definido por Wanderlei Corrêa²³ (CORRÊA, 2024), como aqueles que aplicam as terapias integrativas. Estes profissionais podem ter atuações bem amplas, de acordo com as técnicas que ele domina. São aqueles que analisam o paciente de forma holística, levando em consideração questões que vão além de queixas médicas convencionais, isto é, o terapeuta integrativo observa os aspectos físicos, mentais e supostamente espirituais de seus pacientes, e psicólogos e especialistas em yoga e profissionais da saúde que trabalharam em grandes hospitais. Buscando, dessa forma, esclarecer sobre o funcionamento das terapias complementares e de como essas práticas podem impactar na saúde de um paciente, seja dentro ou fora de hospitais.

Além da visão de profissionais, também foram coletados relatos de pessoas que já passaram por alguma experiência com terapias integrativas. As personagens são majoritariamente residentes da cidade de São José do Rio Preto (SP).

Para entender melhor o formato das terapias integrativas em um contexto de saúde, e como um cidadão pode ter acesso a esse tipo de prática, foi entrevistada a enfermeira Mariana de Marchi, que atuou na Secretaria de Atenção Básica à Saúde, o primeiro nível de atenção do SUS onde acontecem as triagens e encaminhamentos. Mariana também trouxe questões referentes ao funcionamento do processo saúde-doença e de como terapias integrativas se aplicam nesse processo.

Com o propósito de entender mais sobre terapias integrativas, foram entrevistadas as terapeutas integrativas Luciane Borges, Geovana Ferraz Canoilas, Cássia Jaqueline e Lilian Cruz, que também é professora de yoga. A este grupo de fontes, as entrevistas foram referentes ao funcionamento das terapias integrativas,

²³ Disponível em: <<https://academiahealth.blog.br/o-que-faz-um-terapeuta-integrativo/#:~:text=Considerando%20sua%20fun%C3%A7%C3%A3o%2C%20o%20terapeuta,o%20bem%20Destar%20do%20paciente>> Acesso em 05, fev. 2024.

sobre como tornar-se um terapeuta integrativo e como o trabalho desses profissionais pode colaborar com a medicina tradicional e os principais motivos da popularidade das terapias integrativas.

As psicólogas Roberta Christine Siroto e Isabela Zago também foram entrevistadas para apresentarem sua perspectiva sobre terapias integrativas e se há alguma relação com o bem-estar mental do paciente, buscando entender porque muitas pessoas optam por terapias integrativas em vez de tratamentos de psicoterapia convencional.

A fase de pré-produção se iniciou com as pesquisas documentais, principalmente através dos dados disponibilizados pelo site oficial do Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde e artigos científicos, que estão majoritariamente descritos ao longo tanto dessa pesquisa, como da reportagem. Também foram realizados os convites e agendamentos de horários com os profissionais, assim como a montagem de roteiro e perguntas e tópicos a serem abordados com as profissionais.

As entrevistas foram realizadas em maioria de forma presencial, algumas entrevistadas preferiram a gravação somente por áudio, enquanto outras cederam em vídeo, até mesmo as que foram realizadas online via Google Meet. As fontes testemunhais que cederam seus relatos foram contatadas via WhatsApp.

Para a elaboração das entrevistas foi utilizado o tipo de entrevista designado por Lage (2017) como temática. O autor aponta que essas entrevistas consistem na abordagem de um tema, em que o entrevistado tem autoridade para discorrer.

Geralmente consistem na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Podem servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) etc. (LAGE, 2017 p. 32)

As entrevistas foram organizadas e conduzidas de forma a permitir que os entrevistados expressem livremente suas visões, experiências e percepções diante das terapias complementares, garantindo um tratamento ético das informações e respeitando o consentimento informado dos participantes.

A fase de produção consistiu na elaboração das entrevistas presenciais com Luciane, Lilian, Isabela e Roberta.

Com Luciane foi possível acompanhar um módulo do curso de Reiki Tradicional Usui, uma das terapias integrativas disponíveis no SUS, que ela ministra. Essa experiência é retratada no texto narrativo que abre a reportagem, com a intenção de introduzir o leitor ao contexto da reportagem de uma maneira lúdica e diferenciada.

O processo de acompanhamento do curso durou uma manhã inteira de um sábado, iniciando-se às oito da manhã, e encerrando ao meio dia. As fotografias do dia do curso foram capturadas antes das alunas chegarem e também durante a realização do curso, tomando cuidado para preservar o rosto delas.

Já a entrevista gravada com Luciane foi marcada para o sábado da outra semana, e durou cerca de quarenta e cinco minutos.

Com Lilian, foi permitido o acompanhamento de uma das aulas do curso de formação para professores de yoga que ela ministra, onde foram realizados as fotos e o vídeo da entoação de mantra com os alunos.

Os módulos do curso de Lilian duram 3 dias, mas foi acompanhado somente um sábado, pois, segundo ela, seria o dia mais interessante pois é onde ocorrem as aulas práticas. A aula em questão foi realizada das sete da manhã até uma da tarde, onde os alunos iriam para o almoço e retornavam para estudar as teorias até as seis da tarde.

Nesse caso, as fotos foram tiradas com foco em Lilian, não em seus alunos, mesmo que eles tenham concordado em aparecer no vídeo. A entrevista gravada com Lilian foi feita em uma tarde de sábado, com duração de uma hora.

Com Isabela e Roberta, as profissionais preferiram não gravar a entrevista por vídeo, somente por áudio. No caso de Isabela, a entrevista foi feita no consultório da profissional em um dia da semana em que ela teve horários vagos entre seus atendimentos. Já Roberta preferiu agendar um horário também em um final de semana, em sua casa. Ambas as entrevistas tiveram duração de cinquenta minutos a uma hora.

Todo o material audiovisual que foi coletado pessoalmente foi gravado através de celular, isso inclui vídeos, fotos e áudios.

As entrevistas com Geovana e Mariana foram realizadas via Google Meet, com Mariana, após o expediente da enfermeira e com Geovana durante um domingo por volta das seis da manhã por conta do fuso horário da terapeuta, que reside na Índia. As entrevistas online foram gravadas através do aplicativo FreeCam, uma ferramenta utilizada para fazer gravações de tela.

Os relatos de pessoas que já tiveram experiências com terapias integrativas foram cedidos via WhatsApp.

As fontes foram contatadas, e mandaram o áudio em resposta conforme a sua disponibilidade. Os nomes sofreram alterações no caso das fontes que pediram para terem seus nomes alterados. Os áudios foram editados para que tivessem um tempo de reprodução menor, facilitando assim para que o leitor pare para escutar.

A entrevista com Cássia foi feita também via chamada telefônica WhatsApp, o aplicativo não permite gravações de chamadas de vídeo nem telefônicas realizadas dentro dele. A entrevista com Cássia foi mais curta, levando apenas trinta minutos pois teve como foco principal a sua experiência no voluntariado.

Na pós-produção, os materiais de áudio e vídeo foram editados através da plataforma Adobe Premiere. As imagens foram editadas e cortadas no Adobe Lightroom, ambas ferramentas versáteis e completas de edição. Algumas imagens foram editadas usando a própria plataforma escolhida para o armazenamento, o Wix.com. O site possui ferramentas de inteligência artificial que servem para melhorar a qualidade de imagens, recurso que foi necessário de ser utilizado em algumas fotos que foram transferidas para o computador.

A diagramação do site foi pensada para trazer um aspecto visual mais limpo para o leitor. Por ser uma reportagem extensa, utilizar cores chamativas no fundo do texto poderia atrapalhar a experiência do usuário, por isso, o fundo permaneceu branco, com exceção dos elementos gráficos como vídeos e fotos, que receberam bordas, caixas de diálogos e outros destaques. Estes elementos foram escolhidos para diferenciar depoimentos, relatos e entrevistas, visto que cada um deles possui uma cor e detalhes de diagramação diferentes.

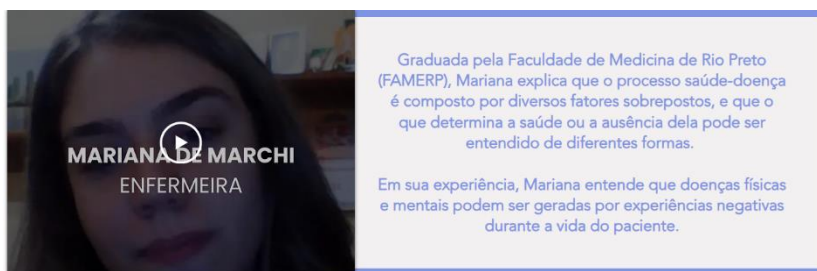
Figura 1 - Abertura site



Fonte: Captura de tela.

A reportagem foi aberta com um título em fonte maior, com imagens que ocupam toda a página, proporcionando uma melhor visibilidade e trazendo uma primeira impressão impactante ao leitor.

Figura 2 - Caixa de vídeo.



Fonte: Captura de tela.

Para ilustrar os vídeos, foi utilizada uma caixa de diálogo em tons de cinza e azul, com uma fala da entrevista destacada, servindo de contextualização para o leitor que está assistindo o vídeo. Os elementos de texto dispostos nas caixas de vídeo são interativos, aparecem para visualização de acordo com o *scroll* da tela.

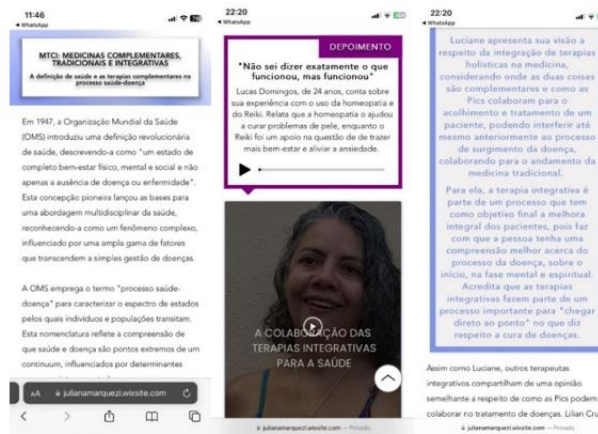
Figura 3 - Caixa com foto.



Fonte: Captura de tela.

Destacando fotos e falas importantes, uma coloração mais escura foi utilizada. Além disso, também se optou pelo uso de uma caixa pontilhada, destacando a ênfase e mostrando a importância que tal fala ou fotografia possui para a reportagem.

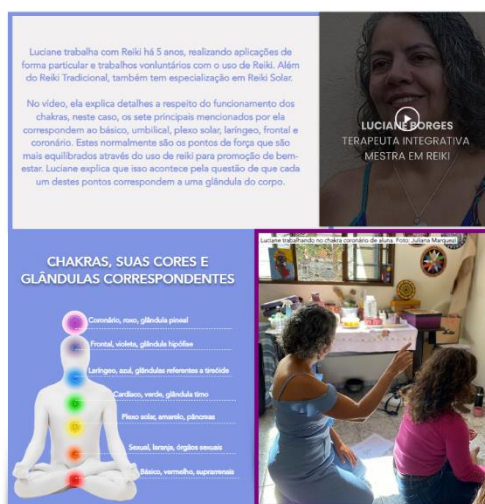
Figura 4 - Tela de dispositivo móvel.



Fonte: Captura de tela.

O site da reportagem é adaptável para ser lido de diferentes aparelhos, permitindo ao usuário uma experiência completa via desktop ou mobile.

Figura 5 - Gráfico Ilustrativo.

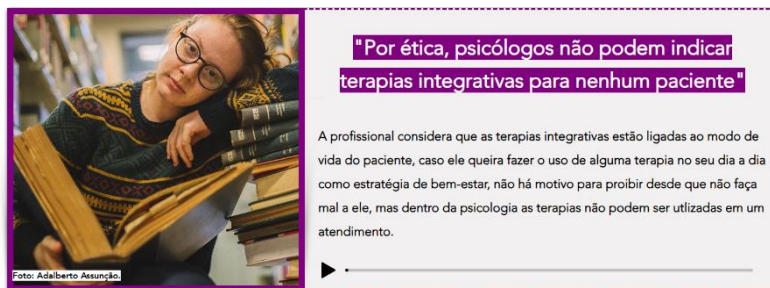


Fonte: Captura de tela.

Alguns elementos que necessitavam de contextualizações maiores, como no caso de informações adicionais em falas de entrevistados, além do texto da caixa de diálogo, foram complementados com a utilização de infográficos

produzidos em maioria utilizando a plataforma canva.com, onde também foram editadas as capas dos vídeos utilizados na reportagem.

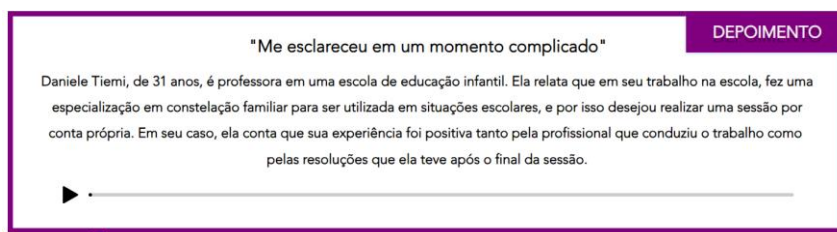
Figura 6 - Áudios de reportagens.



Fonte: Captura de tela.

As entrevistas onde os profissionais optaram por não gravar vídeos foram gravadas por áudio e adicionadas dentro das caixas de fotos + diálogos dos entrevistados, permitindo que o leitor tenha uma experiência de proximidade ao ouvir a voz do entrevistado.

Figura 7 - Caixa de depoimento.



Fonte: Captura de tela.

Depoimentos seguiram o mesmo padrão, com fala em destaque e um selo que diferencia as falas dos depoentes das demais falas da reportagem.

As cores utilizadas em predominância foram roxo (#7F9E4) e azul (#800080). Roxo por ser uma cor associada frequentemente ao esoterismo e azul por ser uma cor relacionada a saúde e bem-estar, trazendo ao leitor uma memória visual do que está sendo mostrado.

Os subtítulos foram destacados em azul para sublinhar as transições temáticas e enfatizar a estrutura do conteúdo. "As 29 Práticas" detalha cada terapia e suas especificações, enquanto "Popularidade e Crescimento" explora as razões do aumento de sua popularidade, especialmente durante a pandemia. O capítulo "Saúde Mental" aborda as implicações dessas terapias na saúde mental, segundo a perspectiva de especialistas. Por fim, "Automedicação e Abandono de Tratamentos" é o subtítulo que encerra a reportagem, e discute os riscos da adoção

cega de tratamentos alternativos, embora reconheça seu valor como métodos complementares em certos contextos.

Ainda pensando na experiência do usuário, a reportagem foi elaborada em uma narrativa definida por Longhi e Winkes (2015, p. 121) como verticalizada. Esse tipo de narrativa é marcado pela ausência de seções, permitindo que o leitor se guie somente pela barra de rolagem, no chamado modelo *scrolling*. No modelo *scroll*, o usuário pode acessar diferentes níveis de informação conforme a reportagem corre, fazendo com que os elementos apareçam ou se escondam conforme a leitura. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 121-122).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta reportagem *longform*, observou-se que este é um campo marcado por sensibilidades e controvérsias.

A escolha deste formato foi impulsionada pela necessidade de abordar a complexidade inerente às terapias integrativas, um domínio onde as opiniões se dividem e o consenso científico muitas vezes falta. Este cenário exigiu uma abordagem que possibilitasse uma imersão profunda, capaz de captar a multiplicidade de perspectivas e fornecer aos leitores uma visão ampla sobre a validade e o impacto dessas práticas na saúde de forma integrada e holística.

Com mais de sessenta mil caracteres e incorporando os conceitos de *slow journalism*, a reportagem foi elaborada para contar histórias completas, enriquecidas com detalhes e contextos.

Essa abordagem não só engaja o leitor numa experiência profunda, mas também promove um consumo de mídia mais reflexivo e crítico. Em um ambiente midiático que frequentemente prioriza a velocidade e a brevidade, esta reportagem oferece uma alternativa que respeita o tempo do leitor e enfatiza a importância de uma compreensão completa sobre o tema discutido.

As entrevistas temáticas e a pesquisa documental facilitaram um mergulho no assunto, iluminando a diversidade de opiniões. Esse aspecto da reportagem captura o estado atual do debate sobre as terapias integrativas, revelando um campo em fluxo, onde práticas baseadas em evidências científicas tradicionais coexistem com abordagens que desafiam o entendimento convencional dentro do processo saúde-doença.

A adoção de técnicas de jornalismo digital, incluindo recursos visuais e audiovisuais como vídeos curtos e áudios, criou uma narrativa cativante e acessível, permitindo uma conexão mais íntima com as histórias de profissionais de saúde e pacientes engajados com as terapias integrativas. Esse método não apenas ilustra pontos-chave, mas também humaniza o conteúdo, revelando as experiências pessoais por trás dos dados e teorias.

A interação com profissionais e pacientes envolvidos nas terapias integrativas evidenciou a necessidade de uma abordagem de saúde mais inclusiva

e integrada. As entrevistas destacaram um crescente reconhecimento do valor dessas terapias, não apenas em promover o bem-estar holístico, mas também como complemento aos tratamentos convencionais. Tal incorporação ao sistema de saúde requer mudanças estruturais, de paradigma, além de uma abertura cultural e institucional para acolher experiências de saúde além da fisicalidade.

O trabalho também sublinhou a importância da educação e informação adequada, tanto para os profissionais da saúde quanto para o público geral, sobre as terapias integrativas e sua aplicação segura e eficaz. A disseminação de informações precisas e fundamentadas é crucial para dissipar preconceitos, esclarecer dúvidas e auxiliar na tomada de decisões informadas por pacientes e profissionais.

Por último, a reportagem destacou o caráter dinâmico do campo das terapias integrativas, constantemente evoluindo com novas pesquisas, tecnologias, e discussões éticas e regulatórias. À medida que a ciência avança na compreensão e validação dessas práticas, a sociedade também se transforma, buscando abordagens de cuidado mais personalizadas, humanizadas e holísticas, e propiciando um diálogo necessário sobre o futuro dos cuidados em saúde.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ivana. et al. Relato de experiência alegria como forma de cuidar: terapia complementar dentro da medicina tradicional. **Brazilian Medical Students Journal**. São Paulo, SP, 2023. V. 8, n. 8, p. 332-337. Disponível em: <<https://bms.ifmsabrazil.org/index.php/bms/article/view/332/150>> Acesso em 16, fev. 2024.

BACCIN, Alciane. et al. **A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo**. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2015, Campo Grande, MT. Anais eletrônicos... Campo Grande, 2015. Disponível em <https://www.academia.edu/36559919/A_narrativa_hiperm%C3%ADdia_longform_no_jornalismo_contempor%C3%A2neo> Acesso em 02, nov, 2023.

BETIM, Felipe. **Lula sanciona lei que autoriza a ozonioterapia como tratamento complementar**. Portal Jota. São Paulo, 2023. Disponível em <<https://www.jota.info/tributos-e-empresas/saude/lula-sanciona-lei-que-autoriza-a-ozonioterapia-como-tratamento-complementar-07082023>> Acesso em 05, fev. 2024.

BRANCH, John. **Snow Fall – The avalanche at Tunnel Creek**. The New York Times, 2012. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>> Acesso em 16, fev. 2024.

BRASIL. Lei nº 1418, de 7 de agosto de 2023. **Autoriza a ozonioterapia em todo o território nacional**. Brasília: DF Diário oficial da união, 2023 (p.1, col. 1). Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/L14648.htm> Acesso em 05, fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: Atitude de ampliação de acesso. Brasília,DF. Ministério da Saúde, 2006. Disponível em <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>> Acesso em 05, fev. 2024.

CANAVILHAS, João Messias. Jornalismo Online In: CANAVILHAS, João Messias: **Webjornalismo**: Considerações gerais sobre o jornalismo na web 63-73, Covilhã: Labcom, 2003. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joaowebjornal.pdf>>. Acesso em: 02, nov. 2023.

CANAVILHAS, João (org.). **Notícias e mobilidade**: O jornalismo, na era dos dispositivos móveis. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Labcom, 2013. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20130404201301_joaocanavilha_noticiasmobilidade.pdf> Acesso em 02, nov. 2023.

CARVALHO, Liz Jéssica da Silva. NÓBREGA, Maria P. S. de Souza. Práticas Integrativas e Complementares como Recurso de Saúde Mental na Atenção

Básica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Rio Grande do Sul, RS, 2017.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/fqh5TRPrRY74rsvBhPGwGsH/?format=pdf&lang=p>> Acesso em 16, fev. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

COELHO, P. R. Luiza, et. al. Cuidados paliativos: Uma abordagem holística no tratamento de pacientes em fase terminal. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, PR, 2023. V. 9, n. 9. p. 26379-36388. Disponível em:

<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/62994/45310>> Acesso em 16, fev. 2024.

CORRÊA, Wanderlei. **O que faz um terapeuta holístico? Conheça as 6 principais funções!** Academia Health. São Paulo, 2023. Disponível em:

<<https://academiahealth.blog.br/o-que-faz-um-terapeuta-integrativo/#:~:text=Considerando%20sua%20fun%C3%A7%C3%A3o%2C%20o%20terapeuta,o%20bem%2Destar%20do%20paciente.>> Acesso em 05, fev. 2024.

CRUZ, Débora Regina Bastos. **O jornalismo lento no mundo da velocidade: o caso do Gerador**. 2023. Dissertação (Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo e Comunicação apresentado à Faculdade de Letras) Universidade de Coimbra. 2023. Disponível em <

<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/111672?mode=full>> Acesso em 21, fev. 2024.

DIJCK, J. van; POELL, T.; WAAL, M. de. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. USA, Oxford University Press, 2018.

EINSTEIN.BR **Medicina Integrativa**. Hospital Albert Einstein. Disponível em <

<https://www.einstein.br/especialidades/oncologia/conheca-oncologia-einstein/medicina-integrativa>> Acesso em 16, fev. 2024.

GILLESPIE, Tarleton. **A relevância dos algoritmos**. Parágrafo. São Paulo, V. 6, n. 1, 2018.

GOV.BR, **Manual de implantação de Serviços de Práticas Integrativas**

Complementares no SUS. Gov.br. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf/view>

> Acesso em 16, fev. 2024.

GOV.BR, **Recursos Terapêuticos PICS**. Gov.br. 2022. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos>> Acesso em 12, fev. 2024.

GOV.BR, **Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares**. Gov.br, 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pnpic>> Acesso em 02, fev. 2024.

HOSPITALSIRIOLIBANES.ORG Sírio Libanês. Hospital Sírio Libanês.org. **Cuidados Integrativos**. São Paulo. Disponível em: <<https://hospitalsiriolibanes.org.br/especialidades-medicas/sao-paulo/cuidados-integrativos/>> Acesso em 16, fev. 2024.

HURBY, Patrick. **The Long Strange Trip of Dock Ellis**. The Guardian 2012. Disponível em: <<https://www.espn.com/espn/eticket/story?page=Dock-Ellis&redirected=true>> Acesso em 16, fev. 2024.

INÁCIO, Livia. **Entre o Mantra e O Remédio: Entenda por que a inclusão de terapias alternativas no SUS é uma grande polêmica da saúde brasileira**. UOL. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/entre-o-mantra-e-o-remedio/#cover>> Acesso em 16, fev. 2024.

LAGE, Nilson. **Entrevistador & Entrevistado** In: LAGE, Nilson, A reportagem: Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística. 73-88, Record, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/367317372/Nilson-Lage-A-reportagem-Etica>> Acesso em 28, nov. 2023.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, vol 1 nº 1. 2015, p. 1-127. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>> Acesso em 02 nov. 2023.

LUPAMUNDI. Portal Uol. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/lupa-mapa-leis-desinformacao/>> Acesso em 16, fev. 2024.

MACASKILL, Ewen, DANCE, Gabriel. **NSA Files: Decoded – What revelations mean to you**. ESPN. 2013. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/1>> Acesso em 16, fev. 2024.

MARTYNETZ, Daniel; SERBENA, Carlos Augusto. O significado da psicologia e da terapia holística para terapeutas holísticos graduados em psicologia. **Rev. abordagem gestáltica**. Goiânia, v. 18, n. 1, p. 85-92, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100012&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 16, fev. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. Edição digital. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/168221>> Acesso em: 02, nov. 2023.

MATTOS, Fabrício Santos De. **Plataformização da notícias e consumo de informação**: tendências do jornalismo em um novo ambiente informacional. In: ANAIS DO XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília, DF. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/plataformizacao-da-noticias-e-consumo-de-informacao-tendencias-do-jornalismo-em?lang=pt-br>> Acesso em 28 nov. 2023.

NEWMAN, Nic. **Digital News Report 2023**. Reuters Institute, 2023. Disponível em <<https://reutersinstitute-politics-ox-ac-uk.translate.goog/digital-news-report/2023/dnr-executive-summary? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc>> Acesso em 28, out. 2023.

O GLOBO, **Médicos atacam inclusão de terapias integrativas no SUS: 'Ultrajante'**. O Globo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/medicos-atacam-inclusao-de-terapias-alternativas-no-sus-ultrajante-22489264>> Acesso em 05, fev, 2024

OLIVEIRA, Beatriz Mello De. Slow Journalism em Portugal e Brasil: formas alternativas de produção de consumo do jornalismo no tempo da aceleração. Dissertação (Mestrado em comunicação audiovisual em Design e Tecnologia). IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia. p. 144. Lisboa, 2023. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/44062>> Acesso em 21, fev. 2024.

PAGNO, Marina. **Acupuntura, homeopatia, reiki, constelação familiar no SUS: Como é o atendimento e por que as terapias alternativas causam controvérsia**. Portal G1. 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/22/acupuntura-homeopatia-reiki-constelacao-familiar-no-sus-como-e-o-atendimento-e-por-que-as-terapias-alternativas-causam-controversia.ghtml>> Acesso em 16, fev. 2024.

PAHO.ORG **Medicinas tradicionais, complementares e integrativas**. OPAS. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas#:~:text=As%20medicinas%20tradicionais%2C%20complementares%20e,preven%C3%A7%C3%A3o%20e%20recupera%C3%A7%C3%A3o%2C%20evando%20em>> Acesso em 21, fev. 2024.

PINHEIRO, Chloé. **“Há uma lacuna entre a pesquisa e a aplicação de terapias alternativas”**. Veja. 2023. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/ha-uma-lacuna-entre-a-pesquisa-e-a-aplicacao-das-terapias-alternativas>> Acesso em 16, fev. 2024.

PORTAL CFM, Conselho Federal de Medicina. **Para CFM, práticas integrativas incorporadas ao SUS não têm fundamento científico**. Nº 915, 2018. Brasília:DF. Disponível em

<https://portal.cfm.org.br/images/PDF/praticas_integrativas.pdf> Acesso em 05, fev. 2024.

PORTAL CFM, Conselho Federal de Medicina. **Ozonioterapia não é válida para nenhuma doença, inclusive a COVID-19.** Portal CFM. Disponível em <<https://portal.cfm.org.br/noticias/ozonioterapia-nao-e-valida-para-nenhuma-doenca-inclusive-a-covid-19/>> Acesso em 16, fev. 2024.

RAMOS, Tainah. **O que as associadas a AJOR veem como prioritário para o jornalismo digital em 2024.** Ajour.org. 2023. Disponível em: <<https://ajor.org.br/o-que-as-associadas-a-ajor-veem-como-prioritario-para-o-jornalismo-digital-em-2024/>> Acesso em 16, fev. 2024.

RODRIGUES, Fábio. Características que sustentam o Jornalismo Longform na Internet. **Pós em Revista.** União da Vitória, vol 1 nº 1. 2018, p. 1-155. Disponível em <<https://periodicos.uniuv.edu.br/posemrevista/article/view/411>> Acesso em 05, fev. 2024.

SCOFIELD, Laura; FONSECA, Nathália. **Tiktok e Kwai levam desinformação sobre urnas e forças armadas ao WhatsApp.** Sentinela Eleitoral. 2022. Disponível em: <https://apublica-org.translate.goog/sentinela/2022/09/tiktok-e-kwai-levam-desinformacao-sobre-urnas-e-forcas-armadas-ao-whatsapp/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt-BR&x_tr_pto=sc> Acesso em 16, fev. 2024.

SYED, Wasim A. P. Por que criticar medicinas alternativas? **Revista Questão de Ciência**, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/artigo/2020/06/12/por-que-criticar-medicinas-alternativas>> Acesso em 10, out. 2023.

YOUTUBE, Física e Afins. Canal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@FisicaeAfins>> Acesso em 16, fev. 2024.

YOUTUBE, **Caminhos da Reportagem | Caminhos Alternativos no SUS**, Vídeo (27:34) 19 de novembro 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1GXHwZdQSyc>> Acesso em 16, fev. 2024.

YOUTUBE, Terapias Holísticas – **Uma análise do sistema médico na Nova Era**, Vídeo (1:26:22), 9 de julho de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XdE8fr-4j1E&t=1131s>> Acesso em 05, fev. 2024.

YOUTUBE, **The Future of Longform Publishing**, Vídeo (1:10:24), 29 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d_hT3wprDSE> Acesso em 23, nov. 2023.